

Axel Honneth e Donald Winnicott: uma Aproximação Possível

Axel Honneth and Donald Winnicott: an Aproximation as Possible

Elisabeth Mazon Machado¹

Carlos Marcírio Naumann Machado²

Resumo: Este trabalho é uma discussão teórica sobre os conceitos de amor, autonomia e reconhecimento, em dois campos distintos, mas ligados: a Teoria Crítica Contemporânea, de Axel Honneth e as contribuições psicanalíticas de Winnicott. As premissas do sujeito, em Honneth, baseiam-se no conflito e na intersubjetividade. A ideia de conflito, baseada na obra de Honneth, refere-se à possibilidade de lutar por reconhecimento, a fim de construir uma vida psíquica e social. A origem deste processo é entrelaçada com o pressuposto winnicottiano da dependência do sujeito ao ambiente e da capacidade de sobrevivência do ambiente. O conceito do *concern* é examinado e relacionado com a teoria do reconhecimento de Honneth. Segundo este autor a teoria dos objetos transicionais de Winnicott introduz consequências filosóficas profundas, pois o objeto transicional ocupa um lugar de mediação ontológica propulsora da vida.

Palavras-chave: amor; autonomia; reconhecimento; Honneth; Winnicott.

Abstract: This work is a theoretical discussion on the concepts of love, autonomy and recognition in two distinct fields, but connected: Contemporary Critical Theory of Axel Honneth and the psychoanalytic contributions of Winnicott. The premises of the subject, in Honneth, based on conflict and intersubjectivity. The idea of conflict, based on the work of Honneth refers to the possibility to fight for recognition in order to build a social and psychic life. The origin of this process is intertwined with the assumption Winnicott dependence subject to environmental and survivability of the environment. The concept of concern is examined and related to the theory of recognition Honneth. According to the author's theory of transitional objects of Winnicott introduces profound philosophical implications because the transitional object occupies a place of ontological mediation engine of life.

Keywords: love, autonomy, recognition, Honneth; Winnicott

Uma das propostas desse artigo é trabalhar os conceitos de amor, autonomia e reconhecimento, procurando associar dois campos distintos: a Teoria Crítica Contemporânea, mais precisamente as contribuições de Axel Honneth e a Teoria das Relações Objetais de

¹ Socióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Psicóloga, especialista em teoria psicanalítica na clínica psicoterápica pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade (ICPT), Mestre em Sociologia pela UFRGS (1999), doutoranda em Sociologia na UFRGS, membro do grupo de pesquisa Violência e Cidadania (UFRGS), professora universitária e Conselheira do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Contato: mm.elisabeth@gmail.com

² Psicólogo Clínico; Especialista em Psicanálise pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade; Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre; Professor de Psicopatologia do Instituto Contemporâneo. Contato: cmn.machado@gmail.com

Donald Winnicott. Outro objetivo diz respeito à tentativa de trabalhar a questão transdisciplinar, aproximando questões sociológicas e filosóficas com questões psicanalíticas. Cabe ressaltar que trabalhos férteis já foram realizados nessa linha, abordando a relação de Winnicott com o humanismo inglês e com a fenomenologia francesa, principalmente a de Merleau-Ponty (GRANA, 2007). Neste trabalho, pretendemos tratar de um possível ‘diálogo’ entre a fenomenologia alemã contemporânea de Axel Honneth e a Psicanálise de Donald Winnicott.

Axel Honneth, sucessor de Jürgen Habermas na tradição da Escola de Frankfurt, é um dos pensadores sociais contemporâneos mais instigantes, pois articula de modo criativo disciplinas como Filosofia, Psicanálise e Sociologia. Segundo este autor, os critérios normativos que fundamentam a crítica à sociedade ou a suas formas de socialização não se produzem apenas pela reflexão ou racionalidade, devendo ser compreendidos como uma questão social em si. Formula, assim, a teoria do reconhecimento (2003) onde busca demonstrar a relação entre o social e os princípios normativos internos do indivíduo.

A premissa fundamental de sua teoria é a intersubjetividade, na qual a possibilidade de produção de uma identidade subjetiva individual decorre do reconhecimento intersubjetivo dos agentes implicados num processo de conflito. A ideia de conflito, baseada na obra de Honneth, refere-se à possibilidade de expressão de desejo e de individualidade em relação a outro sujeito. Esta é a base da luta por reconhecimento e podemos dizer que há uma aproximação com o conceito de agressividade de Winnicott (2000) e, até com o conceito de Eros ou pulsão de vida, desenvolvido por Freud [1920] e discutido, na escola de Frankfurt, por Marcuse [1956].

Honneth concorda com Habermas sobre a necessidade de construção de uma Teoria Crítica baseada na intersubjetividade, preservando seus aspectos universalistas. Por outro lado, diverge deste filósofo, quando afirma que a distinção feita entre sistemas e mundo da vida mostra-se, fundamentalmente, como um recurso analítico. Segundo Honneth, Habermas não vence o que denomina de *‘déficit sociológico da Teoria Crítica’* por sustentar a dualidade entre mundo da vida e sistema e por sua teoria da ação comunicativa baseada na busca pelo consenso. Assim, Habermas limita a uma razão instrumental a perspectiva emancipatória do sujeito e Honneth diferencia-se ao afirmar que o fundamento da interação é o conflito, expresso na sua gramática que é a luta por reconhecimento.

Deste modo, o social, para Honneth, é compreendido como um campo de lutas e confrontações, sendo possível, a partir do conflito, compreender suas lógicas. Portanto, a ideia de luta por reconhecimento fornece, subsídios para uma crítica da razão instrumental, pois parte da busca da lógica dos conflitos em uma dinâmica intermediária, ou seja, de um campo intersubjetivo.

1 Os Espaços Intersubjetivos

Em suas obras *Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003) e *Crítica del Agravio Moral: Patologías de la Sociedad Contemporânea* (2009), Honneth retoma os estudos de Hegel e desenvolve uma nova teoria do reconhecimento, na qual os estudos de George Herbert Mead e Donald Winnicott conferem sustentação empírica a esta tese. A partir da apropriação crítica das obras destes autores, Honneth formula uma tipologia de padrões de reconhecimento: o amor, o direito e a solidariedade, bem como das formas de desrespeito social correspondentes a estes padrões.

Honneth busca explicar como as lutas coletivas por reconhecimento podem traduzir-se em mudanças sociais que desembocam em um processo histórico de progresso moral. Desta forma, pode-se afirmar que é no reconhecimento negado, ou no não reconhecimento, que se obtém o impulso que pode levar a mudanças sociais. Quer dizer, entende, assim, a falta como constitutiva da vida social, pois ela é motivo, o meio de busca por interação, de luta por reconhecimento, podendo ser compreendida como geradora de indivíduos e de vida política. Este ponto converge com o princípio psicanalítico de que a falta (independente da corrente teórica) é que produz o sujeito. Quando mencionamos a falta, entendemos esta como estruturante, como possibilidade de entrada na cultura, como humanizante. Sem a falta não há conflito, não há alteridade e, portanto, não há reconhecimento. Não estamos falando das faltas psicóticas, capazes de alienar o sujeito dele mesmo.

Honneth (2007) aponta três princípios integradores referentes ao reconhecimento recíproco que resultam em dimensões da personalidade individual:

- as ligações de natureza afetiva – o amor, que resultaria idealmente na autoconfiança;

- a atribuição/conquista de direitos – ordem legal, produzindo um agente legítimo com autoconfiança;
- a referência a valores compartilhados – solidariedade, com aceitação das diferenças como consequente da autoestima.

Para fins deste ensaio, nos restringiremos ao amor e sua possibilidade de construção de autonomia. As ligações de natureza afetiva – o amor – constituem-se no fundamento para a estruturação da personalidade do indivíduo. Honneth (2007; 2009), amparado nos conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Donald Winnicott, aponta a relação mãe-bebê como momento inicial e ímpar do processo de construção do sujeito. Honneth sustenta a importância da criação da autoconfiança, dentro de um movimento que vai da fusão ou ‘*dependência absoluta*’ à ‘dependência relativa’ como princípio precursor da autonomia. Este processo faz parte de um conflito em Honneth (em seguida iremos relacionar com o círculo benigno winnicottiano) onde mãe e bebê aprendem a se diferenciar e se perceberem como autônomos, podendo, dialeticamente, estarem sós, ainda que dependentes. Numa clara menção a Winnicott:

[...] a luta por reconhecimento descrita por Hegel, considerando-a como modelo instrutivo: com efeito, só na tentativa de destruição de sua mãe, ou seja, na forma de uma luta, a criança vivencia o fato de que ela depende da atenção amorosa de uma pessoa existindo independentemente dela, como um ser com pretensões próprias. (HONNETH, 2003, p. 170)

[...] durante la interiorización exitosa del comportamiento asistencial por parte de la persona de referencia se va formando en el niño la capacidad de estar solo “consigo” y de descubrir en el juego de manera creativa el propio potencial de necesidades. (HONNETH, 2009, p. 345)

A abertura de horizontes, os espaços entre o ‘eu’ e o ‘outro’, a intersubjetividade formada e a saída de estados narcísicos patológicos vincula-se com possibilidades (ou não) de preocupação sincera com o outro, em um espaço potencial rumo à criatividade e autonomia. É nessa linha que Winnicott (1963) conceitua a capacidade de se preocupar (*concern*), tese utilizada por Honneth (2003) na formulação da teoria do reconhecimento, especificamente, quando se refere às ligações de natureza afetiva (amor). Roberto Graña, que aprofunda o pensamento de Winnicott de forma consistente, salienta a questão do *círculo benigno*, a respeito dessa interação primitiva que, sendo bem sucedida, pode desembocar no sentimento internalizado de sentir preocupação ou consideração pelo semelhante. Cita Graña:

Winnicott denomina a este interjogo saudável entre a posição da mãe e a posição do bebê de ‘círculo benigno’, e acredita que a partir de um reforço diário desta interação é que o bebê desenvolve o genuíno sentimento de culpa, genuíno por que gestado no interior do próprio self.

A partir de então, para Winnicott, começam a fazer sentido os termos ‘mau’ e ‘bom’. Ele acredita que existe na criança uma disposição inata para o desenvolvimento do senso moral. Desde que se ofereça à criança uma provisão ambiental suficientemente boa, tendo como centro a pessoa da mãe, o sentido de bom e mau é naturalmente adquirido. O conceito de ‘seio’ bom, portanto, só passa a merecer referência quando ocorre a integração dos elementos agressivos e amorosos. O seio bom ‘é aquele que, tendo sido devorado, espera até ser reconstruído. Em outras palavras, prova ser nada mais nada menos que a mãe sustenta a situação no tempo’. A recordação de ter sido sustentado pela mãe nesta situação é que permite à criança tolerar os pequenos fracassos da mãe quando eles ocorrem e que lança as bases para o aparecimento do ‘objeto’ transicional. (GRANA, 1991, p. 59)

Desta forma, relacionando-se os dois autores, foco do presente estudo, pode-se dizer que em cada relação amorosa reaparece o ‘jogo’ dependência/autonomia, cuja origem está nas primeiras relações objetais e num estágio primário de simbiose. A autoconfiança é fruto da possibilidade de confiar no mundo para poder sair deste estado fusional e se lançar num ‘entre’, num espaço intermediário que permita a constituição do sujeito que habita o mundo.

2 A Experiência Cultural

Em *O Brincar e a Realidade* (1975), obra fundamental do autor inglês (publicada postumamente), a possibilidade (ou não) da criação do espaço intermediário adquire máxima importância. Winnicott afirma que a brincadeira pertence ao paradoxo de ser interna e externa ao mesmo tempo. Cria, assim, o conceito da transicionalidade que pode ser compreendido como precursor da intersubjetividade. É preciso acentuar que, segundo este autor, transicionalidade e intersubjetividade pressupõem a ocupação criativa do espaço. Uma das ideias centrais do pensamento winnicottiano é a de que, para existir criatividade genuína, o objeto (outro) necessita *sobreviver* aos olhos do *self* em formação.

Como enfatizado por Thomas Ogden (1996), no centro do pensamento de Winnicott o sujeito não existe nem na realidade, nem na fantasia, mas em um espaço potencial entre as duas. A criação do sujeito envolve tensões dialéticas entre unidade e separação, entre internalidade e externalidade. O objeto transicional (e toda a transicionalidade vida afora) é uma extensão do mundo interno e, ao mesmo tempo, possui uma existência real, externa, palpável. Citando Winnicott:

O objeto constitui um símbolo da união do bebê e da mãe (ou parte desta). Esse símbolo pode ser localizado. Encontra-se no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e, alternativamente, ser experimentada como um objeto a ser percebido, de preferência a concebido. O uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início do seu estado de separação (WINNICOTT, 1975, p. 135)

Conforme sistematização feita por Machado (2008), a partir da obra de Winnicott (1975) sobre o entrelaçamento espaço transicional - experiência cultural, se pode dizer que:

- O uso do espaço intermediário ou transicional tem raízes nas experiências primitivas;
- As experiências do bebê encontram-se no espaço potencial entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido;
- A partir da dependência absoluta, o espaço potencial pode se constituir se houver um sentimento de confiança, proporcionado pelo ambiente;
- Os objetos e fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão e estão na base das criações simbólicas, desde que haja espaço potencial, e aqui, a função do outro é permitir/tolerar que sua continuidade (no tempo) ocorra;
- O brincar criativo do bebê conduz naturalmente à experiência cultural, desde que tenha havido a sobrevivência dos objetos fundamentalmente necessitados (outro);
- As separações (falta), de modo geral dolorosas ao ser humano, adquirem menor importância traumática, conforme as experiências das primeiras separações;
- A separação (falta) é simbolizada (mais que sublimada) com o preenchimento criativo deste espaço potencial, mais tarde espaço cultural/social.

3 A Mediação Ontológica: Considerações Finais

Segundo Honneth (2003), a teoria dos objetos transicionais de Winnicott introduz consequências filosóficas profundas, porque o objeto transicional ocupa um lugar de mediação ontológica com a tarefa de, ao longo de toda a vida, constituir-se em origem de todos os interesses, objetivados na cultura, do adulto. Assim, conforme Winnicott (1975; 2000), a aceitação da realidade é uma tarefa incompleta, havendo sempre uma pressão entre interno e

externo, onde o alívio ou a possibilidade de existir no mundo ocorre a partir do domínio da experiência intermediária.

[...] o conceito de “objetos transicionais” pode ser compreendido como uma ampliação daquela interpretação do amor nos termos da teoria do reconhecimento que se encontra nos escritos de Winnicott. Pois, de acordo com ele, a criança só está em condições de um relacionamento com objetos escolhidos no qual “ela se perde” quando pode demonstrar, mesmo depois da separação da mãe, tanta confiança na continuidade da dedicação desta que ela, sob a proteção de uma intersubjetividade sentida, pode estar a sós, despreocupada; a criatividade infantil, e mesmo a faculdade humana de imaginação em geral, está ligada ao pressuposto de uma “capacidade de estar só”, que por sua vez se realiza somente através da confiança elementar na disposição da pessoa amada para a dedicação. (HONNETH, 2003, p. 172)

A partir deste fragmento do texto de Honneth, podemos dizer que, de forma ideal, uma ligação saudável entre mãe e bebê, que oferece continuidade no cuidado, amor e frustração (falta) é, em si mesma, uma luta por reconhecimento mútuo. Quer dizer, a desilusão, a delimitação dos corpos, do tempo e dos espaços físico e psíquico acontecem num território intermediário cujo motor é a luta por reconhecimento. A fusão completa seria a morte.

Honneth (2003; 2009) em concordância com Winnicott (1975; 2000), apresenta-se como um continuador de Marcuse [1956] no que se refere à reconciliação intersubjetiva como destino natural da pulsão. Os três autores, tem por hipótese a existência de um momento simbiótico e não conflitual. A existência social, a vida, é guiada pela necessidade de reconhecimento mútuo advinda do conflito. Assim, no projeto de Marcuse, a pulsão de morte seria o negativo de Eros, portanto, como negativo não pode ser ontológica.

[...] o instinto de morte opera segundo o princípio do Nirvana: tende para aquele estado de gratificação constante em que não se sente tensão alguma — um estado sem carências. Essa tendência do instinto implica que as suas manifestações *destrutivas* seriam reduzidas ao mínimo, à medida que se aproximasse de tal estado [...] O princípio de prazer e o princípio do Nirvana convergem então. Ao mesmo tempo, Eros, livre da mais-repressão, seria reforçado; e o Eros reforçado como que absorveria o objetivo do instinto de morte. (MARCUSE, 1955, p.202)

Baseado em Kant, Marcuse não reconhece na negação uma realidade ontológica. “*O recurso à ontologia acaba por aparecer, assim, como peça-chave de um projeto de emancipação. Pois o que tem realidade ontológica pode ainda ressoar como promessa não realizada.*” (SAFATLE, 2004, p. 5). Ou seja, a pulsão de morte seria um princípio de anulação de tensão, portanto ‘interna’, associal. O que não deixa de ser muito similar às contribuições de Piera Aulagnier, quando essa autora refere que a sua concepção de pulsão de

morte “[...] *é o desejo de não ter que desejar*” (AULAGNIER, 1979, p. 46). Desta forma, o que aparece como argumento ou como possibilidade de Eros é a transicionalidade, a intersubjetividade, construídas a partir do conflito.

Resgatando a tese de Honneth, podemos dizer que Eros só se realiza no vínculo, enquanto ‘desejo social’; desejo de constituição de uma intersubjetividade ancorada no reconhecimento de interesses individuais e coletivos que só se realizam na práxis social. Ou seja, a falta, o desejo, o conflito e a luta por reconhecimento são movimentos impulsionadores (Eros) da vida psíquica e da vida social.

Referências

- AULAGNIER, Piera. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. [1920]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 18.
- GRAÑA, Roberto B. O conceito de “preocupação” em Winnicott. In: OUTEIRAL, José O.; GRAÑA, Roberto B. **Donald W. Winnicott**: estudos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. **Origens de Winnicott**: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e a razão destrancendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HONNETH, Axel. **Crítica del agravio moral**: patologías de la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad Autónoma Metropolitana, 2009.
- _____. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: 34, 2003.
- MACHADO, Carlos M. N. Campo transicional e intersubjetividade. **Contemporânea**: psicanálise e transdisciplinaridade, Porto Alegre, n. 5, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo166.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e a civilização**. São Paulo: Círculo do Livro, [1956].
- OGDEN, Thomas H. **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SATAFLE, Vladimir. Auto-reflexão ou repetição: Bento Prado Jr. e a crítica ao recurso frankfurtiano à psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 2, p. 279-292, jul./dez. 2004.

WINNICOTT, Donald. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.